

## GÊNERO, JORNALISMO E CIÊNCIA - O DISCURSO SOBRE O MASCULINO E O FEMININO NA REVISTA SUPERINTERESSANTE

Elisa de Magalhães e Guimarães  
Mestrado/UFF  
Orientador: Silmara Dela Silva

### Introdução

O presente trabalho foi concebido como uma continuação e um aprofundamento de uma pesquisa iniciada em 2013 para trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, defendido em 2014, sob orientação da professora Silmara Dela Silva. Na época, foram analisadas seis matérias da revista *Superinteressante* sobre questões relativas a gênero e sexualidade. O objetivo foi averiguar quais são os efeitos de sentido produzidos sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres em nossa formação social através da movimentação de dizeres dos campos da ciência e do senso comum no jornalismo científico. O corpus era composto pelas matérias *Prostituição na era de tecnologia* (março, 2011); *Adão, Eva e Ricardo* (junho, 2011); *Homens x mulheres – por que eles estão ficando para trás?* (junho, 2011); *E se os homens menstruassem* (setembro, 2011); *Mulheres que convivem muito menstruam juntas?* (janeiro, 2012); e *Cinquenta tons de rosa* (janeiro, 2013).

A proposta deste trabalho é tornar a empreender um gesto de leitura a respeito da forma como os papéis sociais de gênero são representados na revista *Superinteressante*, abrangendo, porém, o período de 2005 a 2015 e entrando mais a fundo nas proposições de Michel Pêcheux e outros autores que compõem o quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso desenvolvida na França nos anos 1960 com base na linguística estruturalista, na psicanálise lacaniana e no materialismo histórico, conforme releitura feita por Louis Althusser. Embora o trabalho de conclusão de curso que deu origem a este projeto também tenha movimentado conceitos da

---

Análise do Discurso, ele o fez dentro das limitações de um curso universitário de Jornalismo. Quanto ao período escolhido, optou-se por trabalhar com edições publicadas até o fim do último ano anterior aos primeiros passos deste trabalho, iniciado em 2016, expandindo por uma década o escopo dos textos abrangidos apenas por uma questão de limitação de tempo e de espaço para a realização da pesquisa: lançada 1987, a *Superinteressante* tem mais de 360 edições publicadas regularmente, sem contar com números especiais sobre assuntos que vão desde uma revista dedicada ao chocolate até um dossiê sobre a ditadura militar.

Uma vez delimitado o período de tempo com o qual vamos trabalhar, foi necessário fazer um levantamento dos textos que poderiam compor o corpus do trabalho. A busca se deu no site da revista *Superinteressante*, por meio da seção chamada *Superarquivo*, em que são reunidas antigas edições da revista desde seu primeiro ano de publicação. Dentro do período de tempo que nos propomos a trabalhar, foram identificadas 151 matérias, notas, entrevistas, colunas de opinião, crônicas e infográficos sobre temas como reprodução humana, sexualidade e gênero, tanto de uma perspectiva biológica quanto social/cultural. Dividindo a quantidade de textos pela de edições regulares da revista, chegamos à média de, pelo menos, um texto sobre o assunto a cada número da *Superinteressante*. Foram excluídos do levantamento matérias sobre manipulação genética em bebês humanos, comportamento sexual e reprodutivo animal e textos que, embora tratassem de outros assuntos, faziam referência a sexo e gênero (ex.: *A (sensual) história da Barbie*, de dezembro de 2011). Dentre os 151 textos encontrados, foram selecionados 40 de acordo com os seguintes critérios: 1) são matérias jornalísticas, não colunas de opinião ou crônicas, permitindo uma análise da forma como a ciência figura no discurso jornalístico; 2) são matérias de, pelo menos, três parágrafos de texto corrido, sendo, portanto, textos de maior abrangência e profundidade, bem como um maior exercício da função-autor como algo que confere ao texto uma ilusão de homogeneidade, em oposição a notas chamadas factuais ou infográficos com pequenos boxes de texto que não necessariamente remetem uns aos outros; 3) são matérias que abordam diretamente questões ligadas às relações entre homens e mulheres em nossa formação social, o que exclui, por exemplo, perfis de figuras históricas (ex.: *A dama do sadomasô*, de fevereiro de 2007) e duas reportagens sobre casos de pedofilia na Igreja Católica. Fazem parte do corpus, porém, matérias

---

sobre pornografia, estupro e maternidade, uma vez que estes são temas intrinsecamente ligados a relações de gênero.

A opção por buscar os textos na seção *Superarquivo* do site da revista faz necessário um parágrafo para explicações. A página não contém todos os textos publicados pela *Superinteressante* e os critérios para a seleção do que será ou não disponibilizado na internet não são conhecidos. Sabe-se apenas que quanto mais nova a revista, menos matérias estarão passíveis de serem acessadas on-line – uma estratégia para aumentar as vendas, uma vez que, com o passar do tempo, são disponibilizadas no site matérias que, antes, só podiam ser lidas na edição impressa da revista (ou em sua variante eletrônica, também disponível para venda e assinatura). Por que, então, optar pelo arquivo on-line? Em primeiro lugar, devido à crise que se instaurou no jornalismo impresso nas últimas duas décadas, que afetou drasticamente a circulação de revistas e jornais e fez com que empresas do setor midiático mudassem seu foco para a internet. Não apenas isto resultou em demissões em massa e no encerramento ou na venda de títulos – entre 2013 e 2015, a editora Abril, responsável pela *Superinteressante*, encerrou as versões impressas das revistas *Exame PME*, *Capricho*, *Alfa*, *Bravo!*, *Gloss* e *Lola* – como houve uma alteração considerável na forma como os leitores consomem o conteúdo das publicações. Segundo dados do portal de publicidade da editora Abril – o Publiabril –, a *Superinteressante* atinge, hoje, uma média de 1.841.000 leitores com sua tiragem de 227.950 exemplares. A esses números, somam-se os da revista digital, que vende para, em média, 61.563 leitores. Ora, no site, os acessos únicos – vindos de um endereço de IP cada – são 5.595.935, segundo dados coletados no mês de abril de 2016, ou seja, ultrapassam em muito os leitores da revista. Além da questão do grosso do público da revista, hoje em dia, se concentrar na internet, há a opção da Abril por disponibilizar determinados textos em seus sites para que sejam visualizados por tempo indeterminado por qualquer leitor. Enquanto uma revista eventualmente sai de circulação, fazendo com que aqueles que desejem lê-la depois de alguns anos precisem recorrer a arquivos especializados, um texto na internet permanece passível de ser acessado por qualquer um durante muito mais tempo – é um dizer recorrente que nada do que foi publicado na internet se perde, mesmo que seja apagado por seu dono original. Assim, foi feita uma escolha por parte da editora de determinados textos que merecem ser “eternizados” em um arquivo on-line, o que nos parece de extrema

---

importância, uma vez que isto mantém em circulação dizeres que não seriam tão facilmente lembrados de outra forma.

## **Jornalismo e ciência**

A decisão a respeito do que fará ou não parte de um arquivo oficial da revista aponta para um elemento das condições de produção do jornalismo como um todo: a decisão, por parte da mídia, daquilo que é considerado relevante para publicação. Nesta seção, vamos nos debruçar sobre a forma como se constituem os discursos jornalístico e científico e as características das duas áreas no imaginário social, bem como uma breve história da divulgação científica voltada para o público não-especializado.

O jornalismo começa a emergir dentro de um projeto de sociedade capitalista surgido após a Revolução Francesa e intensificado com a Revolução Industrial. O jornal moderno surge com a proposta de educar e informar a população para que ela seja capaz de formar suas próprias opiniões, pressuposto que permanece até hoje como uma de suas principais diretrizes. A ciência moderna também tem suas origens no período de ascensão da burguesia como classe dominante, levando à derrocada das instituições religiosas por meio de teorias que colocam o homem como o centro do universo, e que se pretendem capazes de tudo conhecer e dominar. Grigoletto (2005) afirma que a ciência passou a ocupar um lugar de poder e autoridade que antes pertencia à religião, uma vez que ambas as instituições produzem efeitos semelhantes de verdade, objetividade e neutralidade. O jornalismo científico teria vindo em seguida como “resultado da demanda pela democratização do saber na sociedade moderna” (p. 13). Conforme explica Moretzsohn,

a informação e a disseminação do conhecimento tornaram-se tão necessárias quanto a própria atividade de pesquisa – tanto através da educação, capaz de formar cientistas e de cultivar no público o interesse e a reverência pelo saber – como pela divulgação de conhecimentos, através de almanaques, revistas, livros, etc. (MORETZSOHN, 2007, p.106)

No Brasil, o jornalismo científico teve seu início em 1857, com a *Revista Brasileira*, cujo subtítulo dizia “jornal de ciências, letras e artes”. Embora algumas publicações tenham surgido ainda no século XIX, foi apenas na metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, que o interesse pela ciência ganhou força no país, tanto pelas vias do Estado, por meio da criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da

---

Ciência, em 1948, e do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em 1951, quanto da mídia: em 1947, o jornalista José Reis começava a publicar, no jornal *Folha de São Paulo*, a coluna *Periscópio*, que assinaria até 2002, abordando temas de ciência e tecnologia. Em 1977, Reis seria o primeiro presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico. Já nos anos 1980 e 1990, surgiriam diversas publicações sobre o tema, entre as quais as três principais revistas de divulgação científica que existem hoje no Brasil: a *Galileu*, a *Ciência Hoje* e a *Superinteressante*, que, embora tenha deixado de lado o foco nas chamadas ciências naturais e na tecnologia, em nome de uma abordagem voltada para curiosidades e a cultura pop, ainda traz muito do funcionamento do jornalismo científico em suas páginas.

Antes de olharmos para qual seria esse funcionamento do jornalismo científico, porém, é imprescindível reconhecer o papel que tanto o jornalismo quanto a ciência ocupam no imaginário social. Embora a empresa jornalística tenha surgido com textos abertamente opinativos, ela se estabeleceu nos séculos XIX e XX a partir do princípio da imparcialidade. Sobre isto, voltamos a citar Moretzsohn:

É o que contribui para encobrir, convenientemente, o caráter ideológico da atividade jornalística, juntamente com a confusão a respeito do seu papel de mediador, fundado na conceituação clássica (e idealista) de “quarto poder”, como se a imprensa fosse uma instituição acima das contradições sociais, capaz de falar em nome de todos, indistintamente, representando a sociedade contra os abusos do Estado. (MORETZSOHN, 2007, p.107)

A mesma atitude é identificada por Chalmers com relação ao conhecimento científico. O autor afirma que, embora não sejam poucas as discussões a respeito do que constitui ciência e de como ela é afetada pela história e pela ideologia, para o grande público:

conhecimento científico é conhecimento provado (...) A ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar, etc. Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente. (apud GRIGOLETTO, 2005, p. 23)

Vemos, portanto, que, em nossa formação social, predomina um imaginário da ciência e da imprensa como instituições acima das relações de poder construídas ao longo da história. Tal visão é incompatível com o que nos ensina a Análise do Discurso, segundo a qual as instituições supracitadas fazem parte de um todo complexo com dominante de lugares de produção e reprodução da ideologia dominante e de embates

---

ideológicos originados pela luta de classes: os Aparelhos Ideológicos de Estado, desenvolvidos por Louis Althusser (1985). Ademais, tais instituições só podem dizer por meio de sujeitos, indivíduos interpelados pela ideologia, que, dessa forma, são levados a ocupar lugares determinados dentro das relações de produção que determinam e são determinadas pela instância ideológica. Assim, uma vez inserido em uma formação social regida por uma formação ideológica que vê a ciência e a imprensa como alheias à ideologia, o jornalista e o cientista se acreditam capazes de objetividade e neutralidade plenas, bem como se entendem donos dos seus dizeres e dos efeitos de sentido por eles produzidos. Da mesma forma, porém, sofrem influência de outras formações ideológicas que disputam espaço dentro da formação social.

É assim que o jornalista científico pode acreditar que sua função é de identificar o que há de mais importante na produção de conhecimento científico e traduzir o jargão da área para o público não-especializado. Sem entrar na questão da passagem do jargão científico para a linguagem cotidiana como tradução, o que seria um debate longo demais para esta breve explanação, tal visão do jornalismo científico ignora não apenas as condições de produção dos discursos midiáticos, que incluem interesses empresariais e reuniões de pauta em que se decide de antemão o que é ou não digno de publicação, como tem uma visão da língua como transparente, como se os sentidos pudessem permanecer os mesmos na passagem de um enunciado para outro, atrelado a uma posição-sujeito distinta, em condições de produção distintas.

Em sua tese de doutorado, Grigoletto defende que a ciência passou a receber respaldo da sociedade, ao passo que antes era um conhecimento ao qual poucos tinham acesso, e ganhou ares de mercadoria com o avanço do capitalismo.

E aqui entra o papel da Divulgação Científica: tornar acessível ao grande público os resultados das pesquisas realizadas no meio científico. Em outras palavras, tornar a ciência, através da divulgação, uma mercadoria em busca de consumidores e/ou financiadores. Mercadoria aqui entendida num sentido amplo, isto é, não só o conhecimento passa a ser consumido, através da leitura de artigos de Divulgação Científica, mas também os resultados desse conhecimento, que são a tecnologia, os medicamentos e outros tantos produtos. Assim, garante-se o estatuto de autoridade e o caráter de racionalidade à ciência, que pretende ser universal assim como a religião. (GRIGOLETTO, 2005, p. 25)

Assim, o jornalismo científico trabalha de forma a ratificar o caráter de autoridade da ciência e a oferecer para o público aquilo que ela produz, porém, o faz a

---

partir de determinados discursos a respeito do que é ciência e do que é de interesse público e, portanto, vendável. Conforme Guimarães,

os acontecimentos do desenvolvimento científico e tecnológico são notícia enquanto relacionados, predominantemente, aos cuidados com a vida humana e na medida em que aparecem como desenvolvimento tecnológico. Em outras palavras, o conhecimento não é notícia para a grande imprensa, não é acontecimento para a grande imprensa. (GUIMARÃES, 2001, p.19)

A ciência é noticiada quando tem impacto na vida cotidiana, quando é algo que pode parecer grandioso para o grande público ou a título de curiosidade – como é o caso das matérias publicadas em *Superinteressante*. Além disso, a ciência também tem valor como notícia quando dialoga com outros discursos sobre a ciência veiculados pela mídia:

o acontecimento para o jornal, aquilo que é enunciável como notícia, não se dá por si, como evidência, mas é constituído pela prática do discurso jornalístico. Enunciar na mídia inclui uma memória da mídia pela mídia. Valendo-me de conceitos formulados pela análise de discurso, posso dizer que enunciar na mídia é enunciar segundo a interdiscursividade que determina as formulações da mídia, por mais que os jornalistas possam ainda afirmar que eles se pautam pela objetividade dos acontecimentos. (GUIMARÃES, 2001, p.15)

Logo, a mídia não apenas produz determinados discursos a respeito do que é ciência e do que é interesse público como também coloca em circulação efeitos de sentido a respeito daquilo de que tratam as pesquisas abordadas em seus textos. Tais efeitos de sentido se produzem através de uma articulação entre a formação discursiva da ciência e formações discursivas do cotidiano feita nas matérias de jornalismo científico. Resta-nos saber como se dá este movimento e quais são os efeitos de sentido produzidos por ele.

## **Noções de Análise do Discurso**

Conforme dito na seção anterior, a Análise do Discurso concebida por Michel Pêcheux se destaca de outras correntes de Análise do Discurso por não considerar o sujeito como dono de seu dizer. Em lugar do sujeito intencional de, por exemplo, Patrick Charaudeau, Pêcheux enxerga o sujeito do discurso como interpelado pela ideologia e dividido entre consciente e inconsciente, empregando teorias desenvolvidas por Louis Althusser (em sua releitura de Marx) e Jacques Lacan (em sua releitura de Freud). O sujeito da Análise de Discurso é, portanto, dividido, e constituído pelos

---

discursos que precedem sua existência, como aqueles provenientes da família, da escola ou da religião. Sua fala é gerada a partir daquilo que Eni Orlandi (1998) chama de memória discursiva, ou interdiscurso: a teia de discursos produzidos anteriormente que é acessada pelo sujeito na medida em que este reafirma, contesta ou reformula sentidos gerados no passado de acordo com a história, as posições de classe e a cultura do lugar em que se encontra. Este processo de acesso à memória discursiva não é realizado de maneira consciente pelo sujeito, mas de uma forma imperceptível, que faz com que ele aceite como dados naturais os sentidos prontos com os quais se identifica e que coloca em circulação e veja as ideias que transmite como novas e pessoais. Nas palavras de Orlandi, “quando se fala, mobiliza-se, pois, um saber que no entanto não se aprende, que vem por filiação e que nos dá a impressão de ter estado sempre 'lá'” (1998, p.10).

É essa visão do sujeito como sempre relacionado a um dizer outro que o antecede, alternando entre identificação e oposição sem o saber plenamente, que nos interessa na análise dos textos jornalísticos estudados neste trabalho. Assim, em vez de um jornalista que visa manipular um leitor ou que traduz ou deturpa intencionalmente os dizeres de cientistas, temos um jornalista afetado por instâncias sociais e por um inconsciente ao qual ele não tem acesso. Os repórteres responsáveis pela redação das matérias não podem ser considerados enquanto indivíduos em sua singularidade, mas sujeitos que ocupam a posição de jornalistas científicos contratados por uma empresa privada, membros da classe média, que trabalham de acordo com as normas definidas pela editora. Independentemente de seus sentimentos mais pessoais, eles falam de um lugar de autoridade para os leitores, de acordo com limitações de classe, questionando ou reafirmando discursos de acordo com interesses editoriais e econômicos já naturalizados. Através das formações ideológicas – conjunto de práticas de uma determinada formação social que trabalha de acordo com e para a justificação das relações de produção –, estão identificados com as posições de classe que exprimem.

Além das noções mencionadas acima, é essencial para nossa pesquisa trabalhar com conceitos de Análise do Discurso como os de heterogeneidade discursiva, conforme desenvolvido por Authier-Revuz (1990), e de função-autor, pensado por Eni Orlandi (1990). Tais conceitos serão investigados com maior profundidade e trabalhados ao longo da análise que pretendemos empreender. Por meio deles, acreditamos ser possível entender a forma como o discurso outro aparece nos textos de divulgação científica da revista *Superinteressante* – com destaque para o discurso direto

---

e indireto do especialista, tão comum no jornalismo, e mais ainda em matérias das áreas de saúde, ciência e tecnologia – e como o texto se constitui como um todo aparentemente coeso, mesmo que formado por diferentes vozes.

Também é imprescindível trabalhar com a noção de formação imaginária – conjunto de imagens produzido pelo sujeito de um discurso, no momento da enunciação, a respeito da posição que ocupa com relação àquele a quem se dirige, a posição de seu interlocutor e aquilo de que lhe fala – jogo de imagens que se repete a partir da posição do interlocutor – ou, no caso da *Superinteressante*, a relação entre jornalista, leitor e a revista e os temas por ela abordados. A princípio, é possível depreender, a partir de dados disponibilizados pelo portal Publiabril a respeito de seus leitores, que o jornalista de *Superinteressante* percebe seu público leitor como composto por homens entre 25 e 34 anos pertencentes às classes B (58%), A (24%) e C (18%). Quanto à percepção que possui da revista, também é possível depreendê-la a partir do portal de publicidade da editora, em que a *Superinteressante* é descrita como uma “revista essencial para entender este mundo complicado em que vivemos, ajudando a separar a verdade do mito, o importante do irrelevante, o novo do velho – tudo de forma surpreendente, provocativa e ousada”. A partir disso, chegamos à conclusão que os temas relativos a gênero abordados pela revista são entendidos como complexos, carentes de explicações e abordagens aprofundadas, de interesse de um público específico que deseja se informar sobre os tópicos em questão, mas não é capaz de fazê-lo por conta própria, precisando da revista para orientá-lo. Ao jornalista, portanto, é atribuída uma imagem de intermediário entre o saber científico e o público leigo, de forma que o papel que lhe cabe é o de passar adiante o conhecimento dos pesquisadores de maneira que ele se torne facilmente compreensível. Como se dá esse processo por meio do qual o jornalista acredita estar apenas explicando um saber produzido alhures e quais são os efeitos de sentido que dele decorrem são as questões colocadas por este trabalho, ainda em fase inicial.

### **Exemplo de análise**

Como exemplo do trabalho a ser realizado, apresentamos aqui parte das análises empreendidas na ocasião do trabalho de conclusão de curso referido. Optamos por trazer nestas páginas algumas sequências discursivas (SD) da matéria *Homens x*

---

*mulheres: por que eles estão ficando para trás*, que foi capa da revista em junho de 2011. Originalmente, foram usadas 17 SDs da matéria, das quais recortamos cinco.

SD1: “Ela não queria que seus filhos crescessem achando que eram diferentes. Por isso, educou o menino e a menina da mesma maneira: vestiu-os com roupas iguais, deu bonecas para o filho e carrinhos para a filha. Certo dia ela entrou no quarto da menina de 3 anos e a flagrou brincando. No colo estava um caminhãozinho de brinquedo que a menina ninava de um lado para o outro dizendo: ‘Não chore, carrinho. Vai ficar tudo bem’.” A história é de uma paciente de Louann Brizendine, neurobióloga de Harvard. E serve para deixar bem claro: sempre há alguma diferença entre os sexos. Infelizmente nem todas as distinções são tão óbvias quanto carrinhos e bonecas.”

SD2: “Ou seja, os homens são o sexo frágil quando nascem - e a culpa é das mulheres.”

SD3: “Os meninos continuam correndo. A professora os chama de novo. Apenas na terceira vez, porque os meninos não têm controle de inibição, eles obedecem. Essa cena fictícia, um pouco caricatural, mostra uma característica importante que os meninos aprendem cedo: desafiar a autoridade. (...) As professoras permitem que os meninos as interrompam mais. De fato, uma pesquisa do Centro Psicobiológico de Pittsburgh mediou os níveis de cortisol (o hormônio liberado em situações de estresse) no sangue de crianças entre 7 e 16 anos e concluiu: eles se estressam muito mais com autoridade do que elas.”

SD4: “Mas todos esses estudos ignoram um aspecto importante: as pessoas não esperam que mulheres sejam agressivas e competitivas. Outras pesquisas mostram que, quando elas são gananciosas e começam a subir de cargo, as pessoas deixam de gostar delas. Para um homem, o fato de ser bem-sucedido o torna um cara bacana e admirável. Para uma mulher, basta ela virar chefe para que as pessoas comecem a enxergá-la com desconfiança. 'Sucesso e admiração caminham juntos nos homens, mas não nas mulheres. Todas nós sabemos que isso é verdade', disse Sheryl Sandberg, COO (chefe de operações) do Facebook, em uma apresentação no fórum de tendências TED.”

SD5: “Meninas falam mais cedo - e usam mais palavras para se comunicar, já a partir do primeiro ano de idade. Também conversam com frases mais complexas (“Me dá

---

boneca", em vez de só "Bola"), o que rendeu a elas a fama de matracas - injustamente, como veremos.”

Na SD1, há o uso de um recurso comum no jornalismo científico: a fala do especialista como forma de conferir legitimidade ao que é dito na matéria e um caráter didático ao texto. Segundo Ormaneze:

o discurso jornalístico sobre a Ciência (...) se baseia em caracteres como o caráter metalinguístico, a referencialidade, o apagamento do sujeito (a oposição pelo uso dos verbos em terceira pessoa e, mais raramente, na primeira pessoa do plural ou então pelo padrão lexical e pelo uso do índice de indeterminação do sujeito) e na presença de elementos didatizantes, como a nomeação (a presença da fala do cientista, entre aspas, ou por meio de verbos ou preposições introdutores de opinião), a definição, a comparação, a metáfora e a paráfrase (o uso de expressões como 'isto é' e 'ou seja'). (2013, p.65)

No caso da SD1, a fala de Louann Brizendine é uma anedota a respeito de uma de suas pacientes – uma história pessoal, normalmente usada para que os leitores possam se identificar mais facilmente com o que é descrito na matéria e ver como o assunto se aplica ao cotidiano. Entretanto, uma vez se tratando de algo dito por uma figura de autoridade no assunto – uma “neurobióloga de Harvard” –, a história também “serve para deixar bem claro: sempre há alguma diferença entre os sexos”. *Superinteressante* reconhece os esforços para equiparar meninos e meninas, mas afirma que eles são inúteis. Afinal, “sempre” existirão distinções baseadas no gênero, e essas distinções são desejáveis, conforme podemos depreender a partir do uso do advérbio infelizmente com relação ao grau de obviedade das diferenças.

Já na SD2, referente a processos biológicos que ocorrem no útero durante a gestação de bebês do sexo masculino ou feminino, faz-se referência a um dizer do senso comum segundo o qual as mulheres são o “sexo frágil”. A revista, porém, atribui a característica aos homens, ao menos no momento do seu nascimento. Também ocorre um movimento de culpabilização da mulher pela fragilidade atribuída a meninos recém-nascidos.

Na SD 3, os meninos tornam a aparecer como as vítimas de forças externas no que diz respeito ao estabelecimento de papéis de gênero, que também faz uso de cenas do cotidiano para estabelecer uma relação com o leitor – muito embora, desta vez, a cena tenha sido criada pelo repórter. Embora faça menção de reconhecer o papel do social no comportamento dos meninos, que “aprendem desde cedo” a “desafiar a

---

autoridade” e cujas professoras permitem que eles as interrompam mais do que as meninas, *Superinteressante* busca embasamento para suas conclusões na biologia, assim como ocorre na SD1. Os meninos “não têm controle de inibição” e seus “níveis de cortisol” demonstram que “eles se estressam muito mais com autoridade do que elas”. É importante notar, também, o uso de professoras, no feminino, algo raro no português, em que se costuma usar o masculino para o plural indefinido. Mais uma vez, é a figura feminina que aparece como responsável pelo que afeta os homens.

A SD4 faz um contraponto à filiação a um discurso da biologia que aparece por toda a matéria, uma vez que os estudos da área “ignoram um aspecto importante”, que é a reação por parte da sociedade a mulheres que ocupam posições de poder. Entretanto, a fala escolhida para ilustrar e ratificar o que é dito na matéria é a única que não pertence a uma especialista em algum campo científico, mas a uma pessoa que experimenta pessoalmente a rejeição devido ao cargo que ocupa. Conforme dito acima, experiências cotidianas também ocupam um lugar importante no discurso jornalístico, mas a oposição entre as falas dos cientistas e a da não-especialista produz um efeito de atribuição de pouca importância para o que é dito na SD4, uma vez que *Superinteressante* se filia a um discurso de prevalência do saber científico sobre outros.

Na SD5, *Superinteressante* atribui a um desenvolvimento mais avançado na primeira infância a fama de “matracas” das mulheres, adquirida “injustamente”. Embora a matéria avance sobre a questão da fala – o que foi devidamente explorado na pesquisa anterior –, aqui, vamos nos deter sobre os exemplos de brinquedos usados para ilustrar as falas das crianças: enquanto os meninos pedem uma bola, às meninas é atribuída uma boneca. Não é possível para a Análise do Discurso dizer se tal escolha se deve a uma intencionalidade do jornalista, mas podemos dizer que ela faz referência a uma concepção comum na formação social em que se insere, regida por uma determinada ideologia no que diz respeito a gênero: meninas brincam com bonecas; meninos, com bolas.

A análise das cinco SDs acima representa um recorte do trabalho proposto, no qual serão abordadas não apenas as questões que aqui aparecem de maneira superficial como tantas outras, presentes em textos ainda não analisados que fazem parte do discurso de *Superinteressante* sobre gênero e ciência.

## **Considerações finais**

---

No artigo *Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios*, Ângela Maria Freire de Lima e Souza (2011) aborda a validação e a naturalização de conceitos baseados em diferenças de gênero oriundas da ordem social pelo discurso científico e sua pretensa neutralidade.

Assim, enquanto avança o conhecimento científico, estranhamente se reinventam as explicações biológicas sobre as diferenças entre mulheres e homens, conferindo valor diferenciado às características ditas masculinas e femininas, sempre hierarquizando essas diferenças com prejuízo das mulheres. (LIMA E SOUZA, 2009, p.25)

Este processo de manutenção das diferenciações entre gênero por meio da ciência é responsável por um determinado movimento nas relações entre homens e mulheres desde o advento do feminismo, identificado por Pierre Bourdieu (2010) em *A dominação masculina*:

as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda os universos da produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo etc.). (BOURDIEU, 2010, p.112)

Divergências teóricas a parte – é importante não tomar o simbólico de Bourdieu pelo mesmo simbólico a que se refere Lacan e que é retomado por Pêcheux, ou seja, a ordem da linguagem na qual todos somos inscritos e pela qual nos tornamos sujeitos –, é importante investigar a forma como essas noções de gênero se reproduzem no discurso científico, que ocupa um lugar de autoridade e de detentor de verdades na nossa formação social. Uma vez que o discurso científico não se propaga por conta própria, mas depende de uma estrutura de divulgação para fazê-lo, é necessário lançar um olhar para a forma como o jornalismo científico, principal fonte de acesso de não-pesquisadores a informações do campo da ciência, produz efeitos de sentido com base em discursos sobre ciência e gênero. É nessa direção que este trabalho se orienta, visando uma análise da maior publicação de divulgação científica do país para melhor compreender a forma como ela reitera ou põe em xeque dizeres sobre os papéis sociais de homens e mulheres.

---

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GRIGOLETTO, Evandra. *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*, 2005, 269 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GUIMARÃES, Eduardo (org). *Produção e circulação do conhecimento: estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, 2001. vol. 1.

GUIMARÃES, Eduardo (org). *Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação*. Campinas: Pontes, 2001. vol. 2

LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Sobre gênero e ciência: tensões, avanços, desafios. In: BONNETI, Aline; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de (Org.). *Gênero, mulheres e feminismos*. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2011, p.15-28.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ORMANEZE, Fabiano. *A biografia como divulgação científica: uma análise de discurso da coleção “Grandes cientistas brasileiros”*, 2013, 198 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Universidade Estadual de Campinas, Campinas.